

Sabadoyle: o voo suspenso de uma imagem ¹

Sabadoyle: the suspended flight of an image

Rosângela Florido Rangel²

Resumo:

O presente ensaio vem ao encontro das leituras e das aulas assistidas no curso “Sob o signo de Atlas: Contribuições de Aby Warburg e Walter Benjamin para a abordagem de textos ficcionais”, de doutorado em literatura comparada na UERJ, com a professora Carlinda Fragale Pate Nuñez. Estudo o Sabadoyle sob vários aspectos, e esse é talvez o mais singular, visto que permite uma percepção de duas grandes figuras do século XX. Cada uma a seu modo contribuiu para formar um patrimônio que hoje é público – as suas bibliotecas. Essas duas figuras são também importantes porque criaram eventos e estudos únicos, a saber, o Sabadoyle e o *Atlas Mnemosyne*.

Palavras-chave: Sabadoyle; atlas mnemosyne; Plínio Doyle; Aby Warburg; Biblioteca.

Abstract:

The present essay meets the readings and the classes attended during the course: “Under the Atlas Sign (Sob o signo de Atlas): Aby Warburg and Walter Benjamin’s Contributions for an approach on fictional narrative”. It’s was written during the master’s degree with the teacher Carlinda Fragale Pate Nuñez. I study about Sabadoyle in many ways, but maybe this is the most unique because it permits a perception of great personalities from the 20th century. Each one in a way has contributed to build a public heritage – their lybraries. Both of them are also important because they created events and the Mnemosyne.

Keywords: Sabadoyle; atlas mnemosyne; Plínio Doyle; Aby Warburg; library.

1 Introdução

O Sabadoyle ficou conhecido como uma reunião de escritores e intelectuais, que ocorreu na biblioteca de Plínio Doyle, no período de dezembro de 1964 até dezembro de 1998 na cidade do Rio de Janeiro. O Sabadoyle durou 34 anos e terminou por decisão de Plínio Doyle.

¹ Título do trabalho sugerido pela Professora Carlinda Fragale Pate Nuñez.

² Arquivista pela Universidade Federal Fluminense (RJ), mestre em História pela Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-RJ) e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é chefe do Arquivo -Museu de Literatura Brasileira (AMLB). E-mail: rangel@rb.gov.br

Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle eram velhos conhecidos dos tempos em que frequentavam a Livraria José Olímpio Editora, na década de 1950. Drummond teve seus livros editados por José Olímpio por quase 30 anos e Doyle advogou para o editor desde o seu estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro, na Praça XV de Novembro³, na década de 1930.

Na véspera do Natal de 1964, Drummond bateu à porta de Plínio Doyle com o desejo de folhear algumas revistas da *belle époque* carioca⁴, que este colecionava desde moço. Drummond poderia ter-se dirigido à Biblioteca Nacional, mas a casa do amigo ficava a poucos quarteirões da sua residência à Rua Conselheiro Lafaiete. Conversando com Doyle, ele percebeu que seria gratificante para o anfitrião ter os índices dos artigos das revistas que colecionava. Com a tarefa acertada, Drummond passou a frequentar com regularidade a biblioteca do amigo nas tardes de sábado para a elaboração dos índices.⁵

O segundo a frequentar a residência do casal Doyle aos sábados à tarde foi seu amigo dos tempos da faculdade de direito, Américo Jacobina Lacombe. Na época, Lacombe dirigia a Fundação Casa de Rui Barbosa e estava em vias de publicar um livro com as poesias de Rui Barbosa, o patrono da instituição. Desejando que Drummond fizesse a apresentação, dirigiu-se à residência de Doyle, para que, por intermédio deste, obtivesse o assentimento do poeta à sua intenção.

A novidade dessas reuniões vespertinas, aos sábados, na casa de Doyle se espalhou rapidamente. Outros de seus amigos e conhecidos passaram também a bater à sua porta para ter acesso à biblioteca. Era o ano de 1964 e assim teve início o que passaria mais tarde a se chamar Sabadoyle.

2 Os registros do Sabadoyle e o *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg

Desde o seu início, em dezembro de 1964, até dezembro de 1965, não se tem registros documentais das reuniões do Sabadoyle. Os registros passaram a ser feitos somente a partir de janeiro de 1966. Primeiramente, com depoimentos escritos e, a partir de 1972, também com a

³ O contrato de locação da sala comercial foi feito por Plínio Doyle e marca o início das relações de trabalho entre eles, que permaneceu por 30 anos.

⁴ Revistas *Fon Fon*, *Careta*, *A Revista*, *Para Todos*, *Revista Ilustrada*, *Estética*, *Festa*, *Verde*, *Revista de Antropofagia* e outras.

⁵ Os índices das revistas estão no arquivo pessoal de Plínio Doyle sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

redação de atas. No acervo de Plínio Doyle, além dos livros de visitantes e de atas do Sabadoyle, há também reportagens de jornais e revistas sobre as reuniões e as pessoas que lá estiveram .

Os depoimentos datam de janeiro de 1966 a julho de 1998, e eram feitos apenas uma vez, pelo próprio visitante, por ocasião do seu primeiro comparecimento ao Sabadoyle, que nem sempre se repetia. Já as atas, que datam de novembro de 1972 a dezembro de 1998, eram redigidas por um dos frequentadores da reunião daquele determinado dia, sempre a pedido de Plínio Doyle. Observamos que os depoimentos se caracterizam por ser um registro das impressões daquele primeiro contato com o grupo. E as atas, se constituem em textos com abrangência mais coletiva sobre a reunião ou apresenta temas insulares.

O primeiro livro de depoimentos possui duzentas e sessenta e seis páginas, todas numeradas, com o título “Gente que por aqui passou e ... parece que gostou” e um termo de abertura de autoria de Plínio Doyle, datado de 30 de outubro de 1965. Esse livro possui sete folhas anexas com a identificação dos nomes ali assinados, feita, pacientemente, por Plínio. O total de depoimentos é de trezentos e cinquenta e um. O primeiro depoimento é de Raimundo Magalhães Júnior, com data de 2 de janeiro de 1966. O último é da autoria de Cristina Band e foi escrito em 15 de novembro de 1997.

O segundo livro de depoimentos possui duzentas e sessenta e seis páginas numeradas, contendo trezentos e setenta e sete depoimentos, e onze folhas anexas com a identificação das assinaturas. Nesse caso, o primeiro depoimento é de Edivaldo Boaventura, de 7 de janeiro de 1984, e o último de Carlos Menezes, de 25 de julho de 1998. O total desses registros documentais do Sabadoyle somam onze volumes encadernados, sendo dois com depoimentos e nove com atas.

A adoção da prática de se escrever atas sobre as reuniões do Sabadoyle começou no ano de 1972. Entretanto, no contexto daquelas reuniões, as atas assumiram um estilo bastante singular, caracterizado pela redação informal, pela liberdade total na abordagem dos assuntos e pelo uso da veia literária de cada um. Assim é que, a primeira ata do grupo, elaborada por Alphonsus de Guimaraens Filho, em 11 de novembro de 1972, apresenta-se em forma de poema.

Outro aspecto peculiar das atas do Sabadoyle é que as mesmas eram redigidas tanto durante as reuniões como antes, nunca depois. Em relação a essas últimas, tratava-se de uma orientação do próprio Plínio Doyle no caso de comemorações e homenagens pré-estabelecidas. O anfitrião solicitava a um dos participantes que já fosse para aquela determinada reunião com

a ata pronta, da qual constava uma pequena história do evento comemorado ou uma biografia do homenageado.

Em que pese sua singularidade, as atas acabaram por se constituir nas mais importantes fontes primárias de pesquisa sobre o Sadoyle. Nelas encontram-se registrados excelentes escritos literários, do mais fino humor e da emoção mais autêntica, bem como as homenagens prestadas aos confrades e amigos no âmbito das reuniões. Podemos mesmo afirmar que a história desse grupo literário dificilmente poderia ser contada sem suas atas.

As atas do Sadoyle são, em sua maioria, manuscritas e ocupam, em média, uma folha e meia do livro. Algumas foram datilografadas, coladas na folha do livro, e, então, assinadas pelos presentes àquela determinada reunião.

A partir desses dados sobre os textos do Sadoyle, pretendemos elaborar uma comparação com o estudo da obra de arte realizado por Aby Warburg que culminou na elaboração das pranchas e na formação do *Atlas Mnemosyne*. A própria formação da biblioteca Plínio Doyle se assemelha à criação das pranchas de Warburg. O próprio Sadoyle sempre aconteceu no ambiente da biblioteca de Plínio Doyle. Tal qual Warburg, Plínio também formou uma biblioteca priorizando certos livros em detrimento de outros. E ao ter a sua biblioteca formada, passou a realizar as reuniões do Sadoyle nesse ambiente que proporcionava material riquíssimo para os debates e as pesquisas daqueles que a frequentavam. A partir dessa interação, as ligações de novos livros aos demais se fez potencializada com novas aquisições.

Por outro lado, Aby Warburg realizou estudo sobre o renascimento do paganismo de caráter dionisíaco na arte renascentista italiana. Segundo ele, as imagens carregam um sentimento universal, através dos tempos, como ele mesmo dizia “a volta da vida ao antigo”. Sua tese de doutorado versou sobre o estudo de duas obras de arte de Sandro Botticelli, *O nascimento da Vênus e Primavera*.

Aby Warburg montou pranchas, das quais restaram 79, que relacionam em torno de 900 imagens de diferentes temas, épocas, estilos e técnicas, com pouquíssimos textos, para estudar a iconografia antiga encarnada em obras de arte da cultura europeia moderna, expondo seu conceito de *Pathosformein*. Esse conjunto de pranchas recebeu o nome de *Atlas Mnemosyne*, e ficou inacabado. O *Bilderatlas Mnemosyne* (Atlas de Imagens Mnemosyne), em seu nome, homenageia a musa grega da memória, Mnemosyne. Era o projeto mais ambicioso de Warburg, que pretendia estabelecer "cadeias de transporte de imagens", linhas de transmissão de características visuais através dos tempos, que carregariam consigo o *pathos*, emoções básicas engendradas no nascimento da civilização ocidental, nessas imagens. O projeto foi

interrompido com a morte do historiador, mas, segundo seu biógrafo, E.H. Gombrich, o projeto estava destinado a ser inconcluso, devido à sua enorme ambição e abrangência temporal. "Mnemosyne", em grego, era a palavra gravada na entrada da Biblioteca Warburg, em Hamburgo⁶.

3 Comparações entre registros do Sadoyle e as pranchas de Warburg

Carlos Drummond de Andrade, o primeiro visitante que foi para ficar, registrou em forma de poema, seu primeiro depoimento no qual menciona alguns autores contemplados pela biblioteca de Doyle:

Que gostosura: a Semana Ilustrada
Do Agostine. Tão bem encadernada!
Esta aqui é a Minerva Brasiliense:
Tem mais sabor que a Revista Forense [...]
(ANDRADE, 1966, p. 17-19).

Esse registro mostra a distância entre o tempo presente, da escrita da ata, 1966, e o tempo passado, os nomes dos periódicos da biblioteca de Plínio Doyle; *Semana Ilustrada* – jornal carioca editado entre os anos de 1860 a 1875; Ângelo Agostine – editor responsável pela *Revista Ilustrada* editada entre os anos de 1876 a 1898; *Minerva Brasiliense* – editada entre os anos de 1843 a 1845; *Revista Forense* – início da edição em 1904 até os dias atuais, além de atribuir critério de valoração de Carlos Drummond de Andrade entre as publicações citadas.

Américo Lacombe, outro pioneiro do Sadoyle, registrou sobre o apreço de Doyle pelos livros já desde os tempos dos bancos escolares:

Os estudantes eram brilhantes e esperançosos, como de costume. Os livros eram poucos. Mas os de Plínio sempre foram privilegiadamente bem tratados. Este traço de virilidade, que é o carinho com os livros, Plínio sempre revelou em alto grau. Tratava-os bem e defendia-os do clima, dos insetos e dos que os levam por empréstimo. (LACOMBE, 1966, p. 21-22).

Registro feito em 1966 comentando um traço de comportamento de Plínio Doyle para com os livros da sua Biblioteca, formada desde os anos de juventude e se estendeu por toda sua vida.

⁶ Dados extraídos da página do Instituto Warburg, em 2016.

O cotidiano muitas vezes serviu de assunto para as atas. Dessa categoria podemos comentar que o outono, o verão, as praias, a chuva, o céu no entardecer, as árvores floridas na primavera, foram contemplados. Da mesma forma, as datas comemorativas do calendário oficial do país e os feriados de caráter religioso (de todas as crenças) também mereceram belas atas. Houve ainda espaço para se comentar fatos sociais, políticos e culturais do Estado do Rio, do Brasil e do mundo.

As comemorações e homenagens foram uma constante na trajetória do Sabadoyle. Aniversários de sabadoyleanos e do próprio grupo, lançamento de livros, comemorações de prêmios recebidos e outros eventos são registros recorrentes nas atas da entidade. Um evento marcante dos vinte anos do Sabadoyle foi o lançamento do livro *História de uma confraria literária*, de autoria de Homero Senna, registrado em ata de 14 de dezembro de 1985. Trata-se da única fonte secundária que se tem notícia sobre os primórdios da entidade.

Percebemos, portanto, nas atas, uma série de tópicos que aproximamos aos temas das imagens sobreviventes observados no projeto de Warburg. As citações de revistas e jornais do início do século XX e autores do século XIX em atas do Sabadoyle aproximam da ideia da sobrevivência [*Nachleben*]. Os periódicos e autores quando consultados, lidos e referenciados no ambiente do Sabadoyle trazem ao ambiente presente imagens do tempo passado criando uma atmosfera fantasmal. São imagens sobreviventes à sua própria morte quando não mais se espera o seu retorno em determinado momento da história. São essas aparições fantasmais nas atas do Sabadoyle que, de certo modo, nos assemelha ao processo que Aby Warburg utilizou para construir as suas pranchas.

A incorporação do livro de atas às reuniões foi determinante para a formação da memória documental do Sabadoyle. A ideia de registrar para as futuras gerações a história das “tertúlias” foi alimentada por todo o grupo, de tal maneira que as atas obedecem a um “roteiro idealizado”, onde a sensibilidade do autor está a serviço da memória coletiva. Lembremos a menção à ideia de arquivo feita por Alphonsus de Guimaraens Filho na primeira ata do Sabadoyle por ele elaborada.

Livro destinado a ser
de presença, necessário
é – somente para ter
o destino de um arquivo.
Porque, no que se refere
aos demais, quem não terá
a melhor das alegrias,

de assiná-lo com o mais vivo
 júbilo hebdomadário?
 Aqui pensa quem assina,
 Quem com gosto assinará:
 “Grande dia, grandes dias
 Pretendo viver ainda
 nesta casa que agasalha,
 vida que ser quer infinda,
 entre amigos, junto ao amigo
 melhor, que é o nosso Plínio”.
 Isto posto, eis o que digo,
 não resistindo ao fascínio
 de escrever – como se infere –
 em tão gostoso ambiente:
 - livro, livro, vá em frente!
 E a todos reúna, e valha.
 (GUIMARAENS FILHO, 1972, p. 7)

A análise dos depoimentos escritos e das atas deixa claro que a biblioteca de Plínio Doyle atuava como um elemento de atração para as reuniões na casa do seu proprietário. Para ali acorriam velhos e novos amigos tanto na busca de subsídios para suas pesquisas como de boa conversa e excelente literatura. A redação das atas por todos os participantes em certo sentido funciona como um projeto de memória coletivo.

Em comparação aos registros do Sabadoyle, as pranchas que Aby Warburg formou aliando várias imagens com obras de arte da antiguidade às obras da modernidade nos leva pensar que ambas funcionam como uma passagem que liga o passado com o presente. Tanto as atas quanto as pranchas não deixam de ser ‘imagens’ construídas pelo intelecto humano para descrever as manifestações culturais através do tempo. Nos registros do Sabadoyle são raras as ilustrações, prevalecendo quase sempre a escrita. Ocorre exatamente o oposto com o *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg, onde o texto quase não aparece. Porém, a mesma intenção está presente nos dois conjuntos documentais, qual seja, a de demonstrar que o passado não está totalmente morto quando são invocados seus elementos. Existe uma memória coletiva que não permite o esquecimento.

4 O anfitrião e colecionador

Plínio Doyle Silva (1906-2000) nasceu no dia primeiro de outubro na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou na faculdade de direito em 1927, concluindo o curso em 1931.

Com o falecimento de seu pai, ocorrido no dia 10 de outubro de 1930, Plínio Doyle mudou-se para a cidade de Niterói, com a mãe e com a irmã. Na cidade, conheceu a sua noiva Esmeralda,⁷ e com a qual se casou em 1934. O casal teve uma única filha, Sônia Ângelo Doyle.

Plínio Doyle começou a sua biblioteca com a leitura dos livros de Machado de Assis. Depois de concluída a leitura de um livro, Doyle saía à procura de outro que havia sido anunciado no livro anterior. E, agindo dessa forma, sempre no intuito de colecionar os autores nacionais, Plínio Doyle formou uma biblioteca.

Depois de formado em direito, passou a advogar para o editor José Olímpio Pereira Filho, a partir de 1935. Plínio Doyle foi muitas vezes à Livraria José Olímpio para conhecer os escritores e para obter os inúmeros autógrafos dos livros da sua biblioteca. Além de livros, ele também começou a colecionar os originais dos livros (manuscritos e datilografados) que o editor descartava após a sua publicação.

Plínio Doyle costumava frequentar as livrarias da cidade à procura de livros e revistas para sua coleção. Conhecia e admirava Carlos Drummond de Andrade por sua obra publicada, e constantemente via-o na Livraria José Olímpio e nas demais livrarias. No ano de 1957, Plínio reuniu as crônicas de Drummond, publicadas no *Correio da Manhã*,⁸ em um volume encadernado, e escreveu ao poeta pedindo uma dedicatória. Deixou o volume aos cuidados de José Olímpio. Drummond não só apreciou a iniciativa de Doyle como também dedicou-lhe um verso escrito no volume de crônicas:

“Saudação” ou de como o autor, surpreendendo-se com a existência desse volume, encontrado sobre a mesa de José Olympio, achou os seus escritos melhorados e protegidos da consumação do tempo, por via dos cuidados de Plínio Doyle. Rio, 24. IX. 1957.

Na década de 1960, a Livraria José Olímpio promovia um almoço para os seus editados inicialmente às quartas-feiras e depois às sextas-feiras, no restaurante que funcionou no último andar da sua sede, localizada no bairro de Botafogo. Doyle participou algumas vezes desses almoços⁹. Nessa ocasião, José Olímpio foi incentivado por Doyle a fazer um livro de atas para registrar os momentos passados em tão boa companhia. Esse livro recebeu o mesmo nome do

⁷ Esmeralda Ângelo, filha de Sílvio Ângelo e de Isabel Ângelo.

⁸ Carlos Drummond de Andrade publicou suas crônicas no jornal *Correio da Manhã* de 1954 a 1969. Publicou também a coluna “Drummond” no *Jornal do Brasil*, de 1969 até 1984. O AMLB possui as coleções das crônicas de CDA formadas por Plínio Doyle.

⁹ A sede da Livraria José Olímpio Editora era localizada na rua Marquês de Olinda, 12, bairro de Botafogo. O terreno e o prédio foram adquiridos em 1964.

restaurante da editora – Cantina Batatais –, em homenagem à cidade natal do editor, e, posteriormente foi doado, juntamente com o seu arquivo pessoal, ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1975. Em 1973, os almoços da Livraria José Olímpio foram suspensos por dificuldades financeiras, havendo na última ata da Cantina Batatais, escrita no dia primeiro de outubro de 1975 (aniversário de Plínio), uma referência direta às reuniões do Sadoyle na biblioteca de Plínio Doyle.¹⁰

Abraham Moritz Warburg mais conhecido como Aby Warburg (1866-1929), nasceu no dia 13 de junho e faleceu no dia 26 de outubro em Hamburgo. Foi um historiador da arte, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano. Ficou conhecido também pela biblioteca referencial que leva seu nome, e que reunia uma grande coleção sobre ciências humanas e que, ao ser transferida para Londres em 1933, tornou-se a base para a constituição do Instituto Warburg. A biblioteca fundada em Hamburgo distinguia-se entre todas por não ser consagrada a um ou vários campos do saber humano, por não entrar em nenhuma das categorias habituais, tanto gerais quanto locais, e sim ter sido formada, classificada e orientada com vistas à solução de um problema, ou melhor, um vasto conjunto de temas complexos. Esse problema foi o que preocupou Aby Warburg desde a juventude; o que representava a Antiguidade para os homens do Renascimento? (DIDI-HUBERMAN, 2013)

5 A biblioteca de Plínio Doyle e a biblioteca de Aby Warburg

Em uma análise do catálogo¹¹ da biblioteca de Plínio Doyle observamos que ele colecionou os autores clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis e José de Alencar, entre outros, que figuram em grande número. A presença de certos livros em uma estante não é inocente e deriva de condições históricas as mais diversas: econômicas, culturais, políticas e outras. Doyle priorizou colecionar os livros de autores brasileiros, no nosso idioma, colecionando também, em grande número, as traduções desses mesmos escritores para outros idiomas. Há também um número razoável de traduções, feitas por nossos autores, de obras de escritores estrangeiros. Percebe-se claramente a valorização do escritor nacional na formação da sua biblioteca. Mas não param por aí as questões que surgem desta “leitura” dos títulos da biblioteca. A data das edições, por exemplo, revela certa tendência pela leitura mais

¹⁰ O Sadoyle havia sido criado em dezembro de 1964.

¹¹ Catálogo em dois volumes, de toda a biblioteca formada por Plínio Doyle e feito pelo próprio. A Fundação Casa de Rui Barbosa publicou o catálogo dos periódicos da biblioteca de Plínio Doyle.

contemporânea, existindo um grande número de livros impressos na fase do modernismo e pós-modernismo.

Plínio Doyle também colecionou muitos periódicos, que considerava de grande importância devido a ausência de coleções completas dos mesmos nas bibliotecas públicas. Segundo ele, os periódicos atuam como uma “radiografia” da vida social, política e cultural das cidades e do tempo em que são publicados.

A biblioteca que Plínio Doyle pacientemente formou reúne em torno de 25 mil volumes, entre livros, jornais e revistas. Fazem parte dessa coleção as primeiras edições dos mais significativos autores nacionais, muitas com dedicatórias; revistas do século XIX e XX, nas quais muitos romances estão publicados, em formato de folhetim, e coleções completas de suplementos literários de variados jornais brasileiros. Para auxiliá-lo na formação da sua coleção Doyle contou com a ajuda dos livreiros do Rio de Janeiro: Antônio Sant’Ana, da Livraria São José; Margareth Cardoso, da Livraria Kosmos; Carlos Ribeiro, Osmar, Walter e Roberto Cunha, Livraria Leonardo da Vinci bem como dos livreiros de São Paulo: Calil, Livraria Partenon e Olinto Moura.

A biblioteca de Doyle foi crescendo aos poucos, de acordo com sua disponibilidade financeira. Oriundo de uma família de classe média, seus pais procuraram infundir nos filhos o valor dos livros e dos estudos. Os recursos utilizados na formação da sua biblioteca provieram exclusivamente do seu trabalho; além disso, frequentemente recebia livros de seus amigos intelectuais. A coleção, iniciada ainda na adolescência, teve sua continuidade durante os anos da faculdade, chegando a atingir o seu ápice durante sua vida profissional e maturidade.

Plínio Doyle organizava os volumes da sua biblioteca pelos autores e por títulos, no caso das revistas e suplementos literários dos jornais. Os livros relativos a cada autor colecionado ficavam juntos nas prateleiras da sua biblioteca. É de se imaginar uma prateleira com Machado de Assis tendo ao seu lado José de Alencar; que por sua vez teria como vizinhos Álvares de Azevedo e Cruz e Sousa, e assim por diante. Os livros, revistas e jornais apresentam-se arrumados e na expectativa de tornarem-se vivos do esquecimento nas mãos dos participantes do Sabadoyle. Walter Benjamin, citando Hegel, observou que ‘A coruja de Minerva só bate asas ao crepúsculo’, levando-nos a crer nessa outra atmosfera quando os raios solares diminuem e a noite cai. Nesse momento, ganha vida aquilo que ficara adormecido durante o dia. (MANGUEL, 2006)

De certo modo, o mesmo pode-se pensar sobre as conversas e consultas aos livros da biblioteca Plínio Doyle durante o Sabadoyle. Os participantes são atraídos por certos títulos que

remetem a outro e assim sucessivamente. As vozes do passado dialogam com as vozes do presente, construindo pontes ininterruptas. Os livros da biblioteca passam a ter voz; os fantasmas conversam. Essa conversa não se dá em qualquer grupo, mas, sobretudo, naqueles que detêm o domínio da leitura dos seus segredos. Não há distinção entre os homens, mas somente aqueles aptos a decifrar os mistérios do passado aliados a contemporaneidade é que são capazes de entender. Cada leitor existe com o objetivo de assegurar modesta imortalidade a determinado livro. Assim sendo, um leitor fazia conexões as mais diversas entre os livros, e sucessivamente veríamos uma luminosidade excessiva de vagalumes na biblioteca. Essa associação de textos e livros permitiu completas genealogias literárias, criações de famílias de livros e autores, cada qual representante de um ou mais frequentador do Sadaoyle. De certa forma, essa manifestação pode ser vista através da redação das atas do grupo. Plínio Doyle ao franquear sua biblioteca aos amigos do Sadaoyle exerceu uma atitude de acumulador de informações e conteúdos extraídos das conversas e da própria biblioteca. As atas do grupo, por sua vez, conservam as informações sobre essa atividade implícita nas reuniões do Sadaoyle. Os títulos da biblioteca somados aos intelectuais que frequentavam as reuniões do Sadaoyle em busca de informação e bate papo, formam o cosmos do qual podem ser vislumbradas as estrelinhas (os vagalumes) que oscilam em decorrência das épocas, dos regimes de governos e da mente humana.

Em outra época e espaço, insatisfeito com as abordagens puramente estilísticas da História da Arte, Aby Warburg (1866-1929) iniciou estudos do tema com uma abordagem mais interdisciplinar. Enquanto estudava a cultura do renascimento florentino, Warburg viu aumentado o seu interesse sobre a influência da Antiguidade na cultura moderna, e durante esse processo de estudo passou a constituir a sua biblioteca pessoal a partir desta questão. Em 1909, Aby Warburg começou a organizar a biblioteca que levou o seu nome, primeiramente com a finalidade de ter sempre à mão a bibliografia necessária para os seus estudos, que abrangiam toda a civilização ocidental.

Em 1914, começou a acolher outros estudiosos que o procuravam para consultar sua coleção, e a tornou semipública, com a publicação de duas revistas com artigos resultantes dos estudos ali realizados. Pretendeu abrir totalmente a biblioteca, concedendo bolsas para estudantes ligados à futura instituição, mas a Primeira Guerra Mundial e sua internação em uma clínica neurológica entre 1918 e 1923 atrasaram a abertura da biblioteca, realizada durante o período do seu tratamento por Fritz Saxl. Após seu restabelecimento e a retomada das

atividades, Warburg mandou construir um edifício planejado para abrigar exclusivamente a biblioteca, com um espaço para aulas, construído na forma oval.

Oriundo de família de empresários e com recursos financeiros, Aby Warburg formou uma biblioteca com aproximadamente setenta mil volumes sobre ciências humanas¹². Sua coleção abrangia não só a arte, sua história, produção e crítica, mas também sociologia, antropologia, religião, astronomia, etc. No entanto, foi a sua forma de organização a característica mais marcante e que refletia os problemas teóricos aos quais Warburg dedicou-se durante toda a sua vida. O principal era a *Nachleben der Antike* (a sobrevivência do antigo), a persistência das imagens e das ideias da Antiguidade clássica pagã através dos tempos na civilização ocidental.

Warburg dispunha os livros nas estantes sem recorrer a nenhum método de sistematização biblioteconômica, mas a um sistema que respeitava um critério pessoal que ele chamava de "lei da boa vizinhança". Assim, os livros de astrologia estavam próximos aos de astronomia; alquimia perto de química etc. A organização peculiar de Warburg atingiu seu ponto máximo de sofisticação próximo de sua morte, quando um edifício foi construído especialmente para abrigar sua coleção. O sistema por ele engendrado, com a participação de seus colaboradores Fritz Saxl e Gertrud Bing, dividia os livros em quatro andares, obedecendo à ordem:

- 1.o andar: Drômenon (Ação) – categoria das tomadas de posição diante da história do mundo
- 2.o andar: Wort (Palavra) – seções da palavra: tanto linguagem e literatura como transmissão da literatura clássica
- 3.o andar: Bild (Imagem) – agrupava as expressões figurativas desde a arte pré-clássica até a arte contemporânea
- 4.o andar: Orientierung (Orientação) – corredores heurísticos do pensamento humano: Ciência, Religião, Filosofia

De outro lado, uma organização “sui generis” dos livros, os quais nunca obedeciam a uma disposição cronológica e nunca foram catalogados a partir do nome dos autores. Esta biblioteca sempre em movimento e em mudança era, de certo modo, a cada dia, recriada e reinventada, em função do princípio da “boa vizinhança”. Boa vizinhança devida à capacidade

¹² Dados capturados em páginas da internet sobre Aby Warburg, sua biblioteca e instituto.

que os livros teriam de se relacionar uns com outros e, sobretudo, de despertar no leitor perspectivas, cumplicidades, conivências e correspondências heurísticas cada vez mais ricas (por serem também mais complexas). Fritz Saxl, que foi um dos mais próximos colaboradores e amigos de Warburg, podia escrever:

É que acima de tudo, os livros juntados – cada um contendo uma ampla ou pequena quantidade de informações, sendo suplementada pelos seus vizinhos – deviam, por meio de seus títulos, fazer com que o estudante percebesse as forças da mente humana e sua história. Os livros para Warburg eram mais do que instrumentos de pesquisa. Agrupados e montados, eles expressavam o pensamento da humanidade em suas dimensões constantes e mutantes (SAXL, 1944 apud GOMBRICH, 1970, p. 327).

Depois de sua morte ocorrida em 1929, com a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, Fritz Saxl, jovem historiador de arte que havia levado a efeito a organização do Instituto desde 1913, conseguiu em 1933, com o apoio do governo britânico, transportar os 60.000 volumes da biblioteca de Warburg até sua sede atual na Woburn Square em Londres. Em 1944 tornou-se associada à Universidade de Londres, e em 1994 tornou-se um instituto da School of Advanced Study. A partir dos anos oitenta, seu pensamento começou a ser revalorizado. Em 1993, o governo da cidade de Hamburgo fundou em sua homenagem um segundo Instituto Warburg, a *Warburg Haus*, situada no edifício construído especialmente pela família Warburg para abrigar a Biblioteca Warburg, na década de 1920, e que foi comprado pela prefeitura para instalação do Instituto.

5 Assuntos - são aqueles que “voltam”

As atas do Sabadoyle são compostas por textos que relatam fatos ocorridos no tempo da sua escrita, bem como fatos ocorridos em outros tempos. Como exemplo de fato histórico acontecido no momento da escrita do registro, sobre a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, que ocorreu no dia 15 de março de em 1975, e mereceu registro do sabadoyleano Péricles Madureira Pinho, a ata do dia 8 de março de 1975:

“Vivemos o último Sabadoyle no Estado da Guanabara. No próximo dia 15, sábado que vem, estaremos todos transferidos “armas e bagagens” para o novo Estado, Deus nos está livrando miraculosamente de outro Estado Novo!). Morre assim Guanabara aos 15 anos. Se mulher apenas desabrochava. Homem nem isso. O Estado viveu como a rosa do poeta “o espaço de uma manhã”. 15 anos equivale em idade política à manhã da rosa. O fato é que sem sairmos

dos lugares estaremos por encanto já no sábado sob outra organização jurídica, mais territórios, obedientes a outros senhores, milagre combinado entre Engenharia e Direito. Alinharam-se e mergulharam-se tubutões, armaram-se cimento e ferro: surgiu a ponte. Redigiram-se novos textos: surgiu o Estado. A Engenharia não tem ficções, mas o direito vive quase exclusivamente delas. Se Guanabara morre cedo, mais cedo ainda morreu o seu arquiteto. Os 50 anos da vida do grande San Tiago Dantas foram bem menos que os 15 anos do seu filho único. Ele muito teria ainda a dizer, seu desaparecimento nos empobreceu. Guanabara, embora de menor idade, deixa em testamento intocável patrimônio exuberante: a beleza natural, a cordialidade dos homens, a exibição generosa das mulheres. O milagre da unidade brasileira será mantido: amanheceremos o dia 15 falando a mesma língua, com as nossas mesmas crenças, garantida a paisagem e os belos corpos femininos. É que o Rio continua.” (PINHO, 1975, p. 309-310).

A nova realidade política do Estado do Rio de Janeiro também recebeu do magistrado Severo da Costa algumas considerações em ata de 15 de março de 1975:

Num belo dia, também de encomenda, virou capital dos Brasis (Reino-Unido, Império, República), tudo de repente, por decreto, nossa grande força propulsora. Mais tarde, fizeram com o Rio a mesma “ursada” que ele fizera com a Bahia, e viramos cidade-estado, com o bonito nome de Guanabara. Hoje, 15 de março de 1975, voltamos à velha Província do Rio de Janeiro, da qual o Ato Adicional nos separara. Tinha muita força mesmo aquela crônica de 1896 de Machado de Assis:

“Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? Lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba”. (COSTA, 1975, p. 311-315)

Com esse assunto podemos observar uma ata aliada ao tempo presente, e outra, no tempo passado. O fato de resgatar uma crônica de Machado de Assis sobre o tema reforça o que Didi-Huberman observa sobre os vagalumes: embora pisquem de forma intermitente, a sua luz não para de refletir no escuro. Por outro lado, podemos compreender as atas do Sabadoyle como uma constelação, na qual, uma a uma, podem ser vistas como fragmentos de luz que formam o todo iluminado. Os anjos celestiais de certo modo são as atas em seu voo, embaralhadas em tempos ímpares, mas que, agrupadas cada uma em um volume destinado a dois anos em média, se tornam a memória das reuniões de intelectuais em casa de Plínio Doyle, o Sabadoyle. Nelas podemos perceber o tempo em luta constantemente. De comum com Benjamin, que “queria mergulhar em áreas até então ignoradas e desprezadas da história e resgatar aquilo que jamais alguém vira antes dele” (BENJAMIN, 2013), Aby Warburg parte para a elaboração das suas

pranchas. E, no Sabadoyle, a identificação dos temas nas atas reconhece o mesmo método de atuação.

Como Didi-Huberman afirma, “as sobrevivências [*Nachleben*] não passam de sintomas portadores de desorientação temporal: não são, em absoluto, as premissas de uma teleologia em curso, de qualquer sentido evolutivo.” (DIDI-HUBERMAN, 2013). Não são sobrevivências de traços de uma espécie da biologia que se encontra em outra espécie mais evoluída. São fatos culturais que vindos de diferentes épocas para o momento atual significam correlações feitas por vários aspectos.

Cito um exemplo de ata do Sabadoyle, redigida por Joaquim Inojosa, em 1982, na qual relata dez anos passados da redação de atas. Nesse espaço, coube lembrar os registros passados das reuniões do Sabadoyle, bem como mencionar aspirações para os próximos encontros literários. A menção aos versos de Alphonsus de Guimaraens Filho do poema localizado na primeira ata do Sabadoyle em 1972 confirma a sobrevivência do registro na presente data por invocação de Joaquim Inojosa. Esse verso representa um fantasma que venceu sua própria morte. Os tempos se dobram. Os temas do ano 1982 são representados pelos aniversariantes do mês Alphonsus de Guimaraens Filho; Sonia Doyle e Pedro Nava; bem como as presenças a reunião de Bella Joseph e Maria José de Queiroz. Podemos exemplificar na ata a seguir que a data e o assunto (nem sempre contemporâneo) estão em dupla interpretação, também demonstrando a sobrevivência da ata no arquivo.

Assinam a ata Américo Jacobina Lacombe; Bella Joseph; Nísia Nóbrega; Maria José de Queiroz; Abel Pereira; Raul Lima; Fernando Monteiro; Severo da Costa; Alphonsus de Guimaraens Filho; Joaquim Inojosa; Homero Homem; Maria Luiza Penna Moreira; Pedro Nava; Joel Maldonado; Gilberto Mendonça Teles, Paulo Berger e Marcílio Marques Moreira, todos estavam presentes à leitura da ata. Mas, mesmo assim, não se sabe exatamente o teor dos assuntos discutidos na reunião. Disso não temos registro. Dito de outra maneira, os temas que permaneceram nas atas refletem os assuntos do ano de 1982 aliados a outros assuntos de anos mais antigos que fantasmagoricamente estão ali representados.

Ata Nº 479 – Sabadoyle – Rio, 5/6/1982

Eis um registro especial, recomendação de Plínio Doyle: “Inauguro este livro Nº 4, de atas do Sabadoyle, redigindo a ata Nº 479. Coube a Alphonsus de Guimaraens Filho abrir, com um delicado poema, o de Nº 1, em 11 de novembro de 1972, o qual se encerraria com a ata de Nº143, de 27 de setembro de 1975. O 2º começou com a ata de Nº 144, de 4 de outubro de 1975, terminando com a de Nº 344, de 22 de setembro de 1979. O 3º iniciou-se com

a de Nº 345, de 29 de setembro de 1979 e chegou ao fim no sábado passado, com a ata de Nº 478, por coincidência de autoria de Alphonsus de Guimaraens, autor da 1ª ata, com aqueles versos finais enfáticos: - “ Livro, livro, vá em frente! E a todos reúna, e valha”. De tal ordem em frente foi o livro, que quase dez anos depois – tanto vai de novembro de 1972 a maio de 1982 – podia o mesmo e querido Alphonsus encerrar o vol. 3º. Em síntese, eis a estatística: Livro 1º - 144 atas; livro 2º - 190 atas; Livro 3º - 133 atas. Total 467 atas em 9 anos e dez meses. Quanta beleza do verso à prosa, do relato sério ou de bom-humor! Se perdurarem, entraremos para a História, que será a do próprio Sabadoyle¹³.

- Aos cinco dias do mês de junho de 1982, eu, notário designado pelo Presidente, fundador, condutor, animador do Sabadoyle, Doutor em ciências Jurídicas e em Livros, Plínio Doyle Silva, dou por inaugurado este livro Nº 4, de atas, retas e poliatas do Sabadoyle, com o anúncio de três mensagens aniversárias: Alphonsus de Guimaraens Filho, anteontem, dia 3, Sonia Doyle e Pedro Nava, hoje. Como veem, há mulher no meio, a obra-prima e única do amor de Plínio e Esmeralda Doyle, que é Sonia Doyle. Curioso como os dois fundadores do Sabadoyle, Plínio e Drummond, este com a sua Maria Julieta, coincidem nesse gênero de obra-prima. Também, é o único em que o Plínio pode coincidir com o Drummond. Criaram duas prima-donas do Sabadoyle¹⁴. Eis os três magníficos Sabadoyleanos aniversariando nestes primeiros cinco dias do mês de junho – o doce mês junino das rodas de cravo e manjerição. Inverte-se, agora, a ordem em homenagem à cronologia: Pedro Nava, o prosador; Alphonsus, o poeta; Sonia, a diplomata. Aplausos? Sim. No Sabadoyle a presença é elogio, pelo amor da convivência. Que os nomes da prosa, da poesia e da diplomacia, da inteligência, enfim, os iluminem e guiem, na abençoada senda dos aniversários dos “decadentes”:

- Allô, Drummond, 31 de outubro, hein!

É a mensagem do Plínio, o nosso e o bom e a dos companheiros do Sabadoyle!

- Allô! Allô! Plínio! Você, de Brasília, ao lado da Sonia! Dê-lhe os nossos abraços e os nossos beijos!

- A mesma coisa, aí!

- Alto lá, a mesma coisa, não! Abraços, prazerosamente os transmito ao Nava e ao Alphonsus. Beijos deixo para a sua volta.

- Ah! Perdão, Plínio, perdão! Darei os beijos em Bela Joseph, que nos visita pela primeira vez, na Maria José de Queiroz e na Nísia Nóbrega.

- no Homero Homem, Também?

- Ora, pílulas!

Joaquim Inojosa

Ata Nº 482 – Sabadoyle – Rio, 3/7/1982

Estão sorrindo? Já sabem que funcionou hoje a feijoaria, ensejando mais uma “feijoata”. Sim, como sempre em delícias culinárias. Somente que, com a presença de Sonia Doyle, tive que comedir a gula feijoária.¹⁵

¹³ De fato, a História do Sabadoyle vai se construindo através da redação das atas. Pequena lembrança de 10 anos de reuniões e redação de atas.

¹⁴ Aniversariantes citados fazem parte do início do Sabadoyle em 1964. Acompanham essa trajetória. Constatam as assinaturas de Alphonsus de Guimaraens Filho e de Pedro Nava na ata, porém Plínio e Sonia Doyle estão ausentes (não assinam a ata).

¹⁵ Almoço oferecido por Plínio Doyle na manhã de sábado. O convidado chegava para o almoço e ficava para a reunião do Sabadoyle.

Entende Plínio que devam os Sabadoyleanos prestar contas das suas atividades intelectuais fora do Sabadoyle, por serem deste, em qualquer parte, emissários – não, emissário, não; esse termo não cheira bem -, representantes. Informo, assim, aos companheiros, que venho atendendo a convites para alguns depoimentos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o modernismo Brasil em fora (sic). Estive, assim, em Sobral, no Ceará, falando para estudantes da Escola de Filosofia da Universidade do Acaraú; em São Paulo, por duas vezes – na Academia Paulista de Letras e na Secretaria de Estado de Cultura; e no dia 1º deste, na Academia Brasileira de Letras – por coincidência 58 anos e 11 dias depois do rompimento enfático de Graça Aranha. Por toda parte tenho afirmado que no modernismo os mortos não comandam tanto os vivos que não possam eles comandá-los também. Basta citar dois vivos do Sabadoyle – Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, que vêm de lá e continuam fiéis. De tanta fidelidade que não cortejaram até hoje a academia Brasileira de Letras, na lembrança das reações de Graça Aranha.¹⁶

Talvez!

Quanto a Pedro Nava eis que nos chega hoje mesmo com uma sofisticada bengala de esbordoar passadista, embora preferisse na época do revólver, para matar e não somente esbengalar. Não foi o que fez em Belo Horizonte, lá por 1923 ou 1924 ou antes, quando o “chefão” da turma modernista Carlos Drummond lhe indicou onde no cemitério repousavam alguns passadistas. Saltou os muros da silenciosa cidade dos mortos, ao lado de Joaquim Cavalcanti e Romeu de Avellar, e tome bala¹⁷:

- Nunca mais ressuscitam, seus parnasianos e simbolistas de uma figa!

E não ressuscitaram mesmo!

Enquanto na capital do Rio Grande do Norte o povo cantava zombateiramente:

“Rio Grande do Norte

Capital natal

Em cada esquina um poeta

Em cada rua um jornal”

Tudo poeta poeta passadista que o Câmara Cascudo expulsou, para só poupar Jorge Fernandes. Não sei que diabo houve, que ojeriza se criou, que nunca mais admitiu Natal um poeta. Ou não confia nele ou desconfia da poesia. Bem que o Sabadoyle os vai acolhendo ou recolhendo! E divertindo-se, por exemplo, com o Alphonsus de Guimaraens Filho, quando, no recente livro de poesias – que Homero Homem comentará em breve -, “Discurso no deserto” (não se destina ao Sabadoyle), exclama:

‘Que vais colher

plantar acaso?

¹⁶ Joaquim Inojosa participou da Semana de Arte Moderna em 1922, e depois difundiu as ideias modernistas em Pernambuco. Em 1982 são comemorados 50 anos da Semana de 1922.

Graça Aranha rompeu com a Academia Brasileira de Letras e participou da Semana de Arte Moderna em 1922.

¹⁷ Caso real acontecido em Belo Horizonte para a divulgação de um livro, no qual Pedro Nava participou.

Anúncio publicado na Revista “O Mundo Literário”, nº 19, de novembro de 1923, RJ:

“Os devassos” – Norka Ruskaya dançava, há dois anos, alta noite, vestida de simples véus transparentes, sobre as lousas de um cemitério do Peru. O fato causou sensação e correu mundo, através das linhas telegráficas. Agora em Belo Horizonte, Romeu de Avellar, o aplaudido escritor alagoano, acaba de ser preso, juntamente com João Guimarães, por terem, cerca de meia noite em companhia de Pedro Nava e Joaquim Cavalcanti, dois noceurs inveterados, escalado o muro do cemitério, cujo interior profanaram com algazarra e alguns tiros disparados a esmo. Grande escândalo na sociedade mineira. Prisão do escritor alagoano e os seus cúmplices. Mas tudo isso para quê? Para um retumbante reclamo do próximo romance de Romeu de Avellar – Os Devassos. Como reclamo louvados sejam os deuses, não foi mal achado para os devassos”...

-Há um sopro
de noite murcha
nos quintais...”

Decerto que não aludia ao Sadoyle, pois aqui não há quintal, nem mesmo das letras. Valem Melhor os versos do poema “Encantamento”

“Move-te, chama
segue, vai, segue, vai
deve ser lindo”!

Como deve ser lindo ir para Brasília e banhar-se na piscina da Sonia Doyle! Sonia, a atração do Sadoyle. Tanta que até o Mário da Silva Brito vem lampeiro a contemplá-la.

Joaquim Inojosa

Assinam a ata Joaquim Inojosa; Luiz Viana Filho; Abel Pereira; Nísia Nóbrega; Carlos Drummond de Andrade; Mário da Silva Brito; Antônio Borges; Sílvio Meira; Pedro Nava; Américo Jacobina Lacombe; Paulo Berger; Fernando Monteiro; Raul Lima e Sonia Doyle.

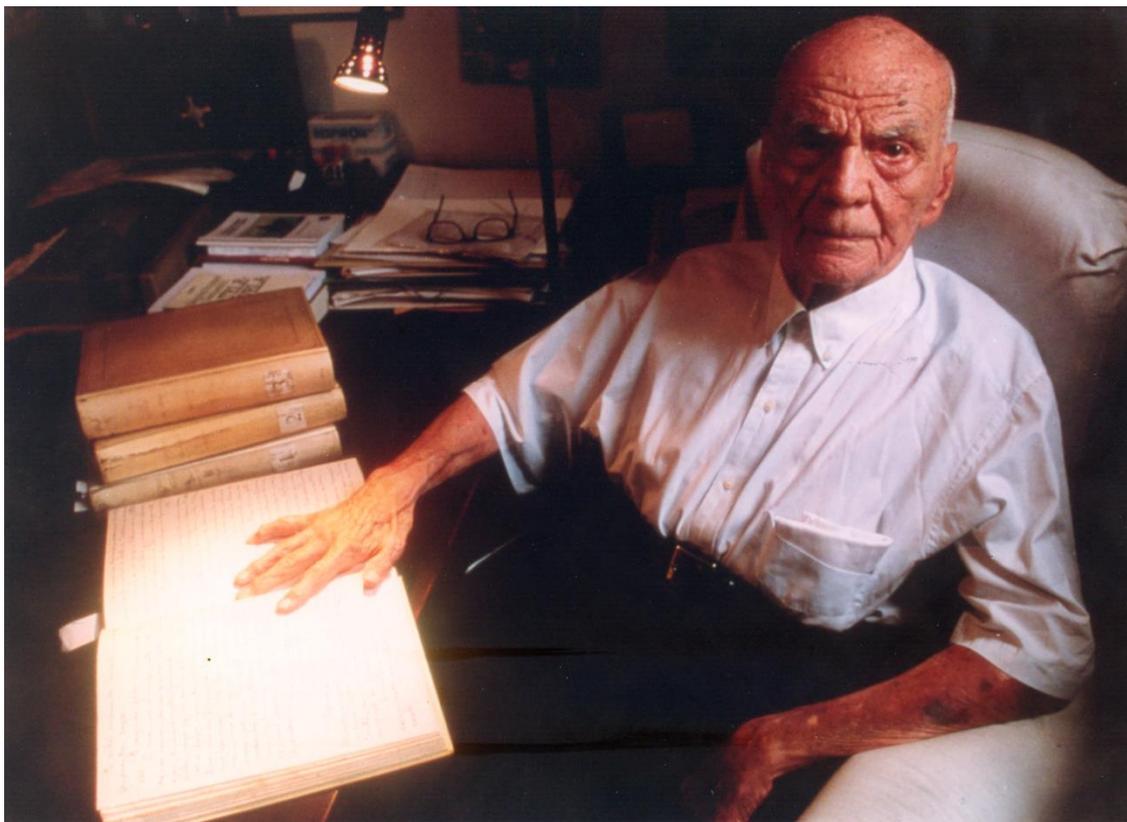
Ilustrações: reunião do Sadoyle na qual se vê Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle: Fig.1; Plínio Doyle com os livros de atas das reuniões: Fig.2; ata manuscrita: Fig.3; ata datilografada: Fig.4.

FIGURA 1 - Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle.



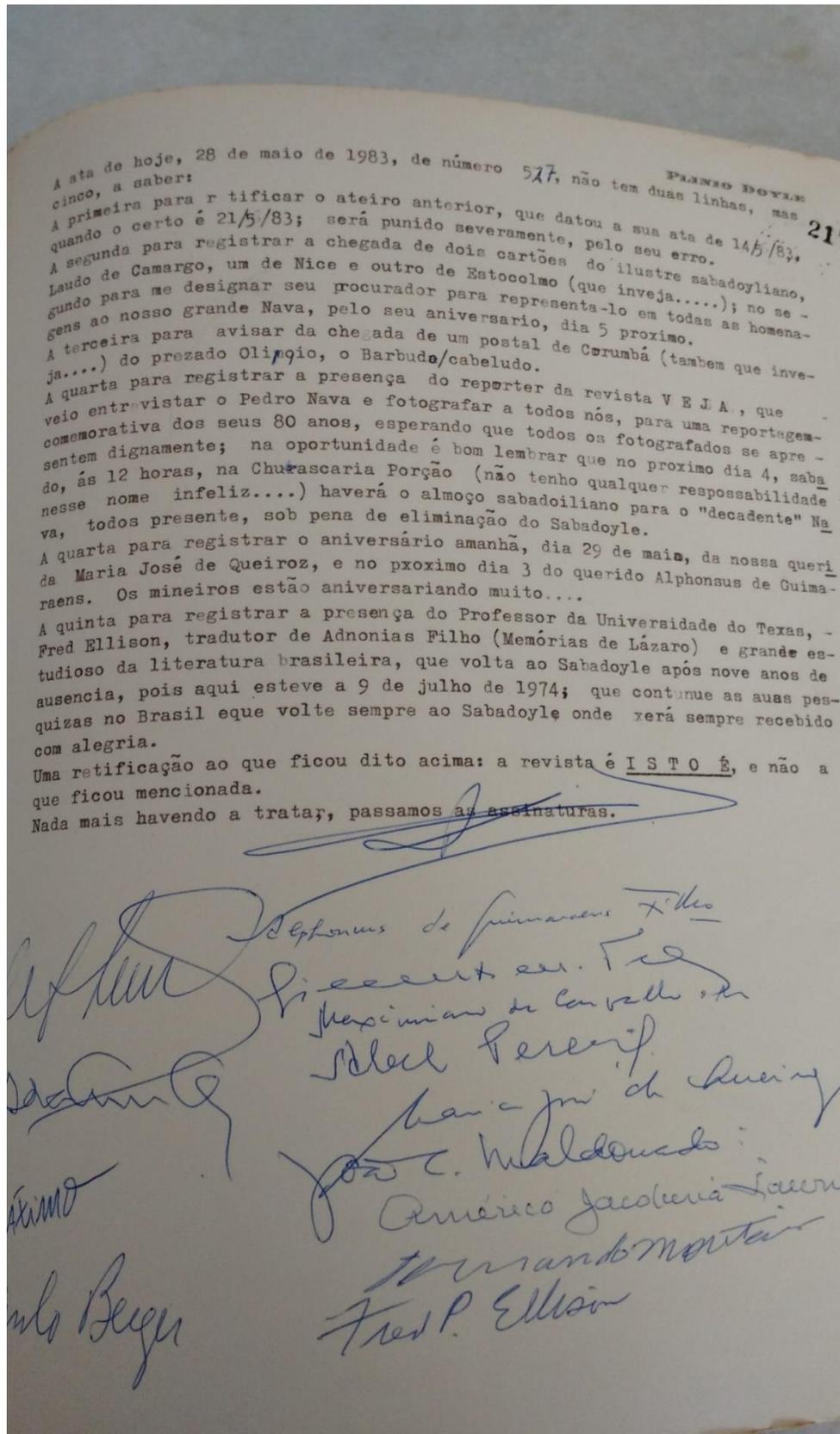
Fonte: Arquivo Plínio Doyle.

FIGURA 2 - Plínio Doyle com os livros de atas das reuniões.



Fonte: Arquivo Plínio Doyle.

FIGURA 4 - Ata datilografada.



Fonte: Arquivo Plínio Doyle.

Como foi dito anteriormente, os fatos culturais resgatados de diferentes épocas para o momento atual, na forma de obras de arte, juntamente com fatos do presente resgatados de variados acervos, irão compor as pranchas de Warburg para o seu método de estudo das obras de arte. As correlações feitas por vários aspectos vão propor associações as mais variadas, por aqueles que as lerão.

A última prancha feita por Aby Warburg, de número 79, contém 22 imagens de dimensões variadas. A maior das figuras, na parte mediana esquerda, é um afresco [1512] de Rafael (*A Missa de Bolsena*) que ocupa um espaço sete vezes superior a outra figura, logo abaixo: o quadro de Botticelli [1495] que representa a *Última Comunhão de São Jerônimo*. Significado da prancha? O processo que conduz à morte, passando pela reflexão. (Engramma, *Mnemosyne Atlas*).

Ilustrações: Aby Warburg: Fig.5; *Atlas Mnemosyne*: Fig. 6 e 7; prancha 79: Fig.8.

FIGURA 5 – Aby Warburg.



FIGURA 6 – *Atlas Mnemosyne*.

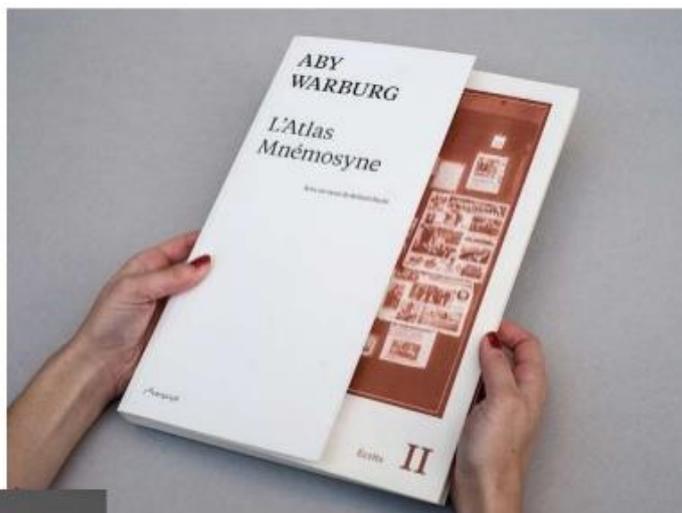


FIGURA 7 – *Atlas Mnemosyne*.



Fonte: Instituto Warburg, <https://warburg.sas.ac.uk/archive/bilderatlas-mnemosyne>.

FIGURA 8 – Prancha 79.



Fonte: Instituto Warburg, <https://warburg.sas.ac.uk/archive/bilderatlas-mnemosyne>.

Prancha 79 – última feita por Warburg.

Messe. Verzehren des Gottes. Bolsena, Botticelli. Heidentum em d.Kirche. Bluthostirnwunder. Transsubstanziation. Italienischer Verbrecher von der letzten Ölung.

De Massa. Comer Deus. Bolsena, Botticelli. Paganismo na Igreja. Milagre do sangramento. Transubstanciação. Criminoso italiano antes de a extrema-unção.

Insights e leituras.

♦ CD Johnson, Panel 79, Pathways guiadas, em Mnemosine. Meandros através Atlas de Aby Warburg, warburg.library.cornell.edu, da Universidade Cornell de 2013.

♦ leitura da mesa 79 com o ensaio interpretativo "Hoc est corpus". O sacrifício ea aliança Engramma n. 11, outubro de 2001.

Em um primeiro momento, a prancha não passa de um enigma, de um autêntico quebra-cabeça. Ela é ao mesmo tempo uma única imagem e, no entanto, um mosaico de imagens, um grande quadro-negro que cerca um conjunto de manchas luminosas. Imagens que cintilam como vagalumes na noite. O fundo da tela é preto, mas não totalmente. É igual a uma abóboda celeste estrelada. Semelhante a um diário noturno, aberto, com suas letras, sílabas, margens, curvas, pontos e silêncios. Misterioso caderno de constelações que os homens, desde a noite dos tempos, procuram desvendar e decifrar. Comparada à tela branca (na sala escura de um cinema) sobre a qual as imagens são projetadas e, ao mesmo tempo, refletidas, a prancha 79 é, de certo modo, um negativo fotográfico, uma superfície comparável ao fundo escuro de um cemitério marinho do qual remontariam velhos objetos heteróclitos: um pedaço de mastro, uma cruz, uma bota de couro e outras caixinhas repletas de histórias esquecidas. Com poucas palavras: sobrevivências, supervivências, memórias que, de repente, interrogam nosso tempo presente. Não são, porém, meros objetos que o historiador da arte agrupou sobre a prancha 79. São imagens. Todas, aliás, fotografias, do mesmo campo cromático (preto-branco) que, de certo modo, Warburg despertou e exumou da escuridão de um arquivo de outros milhares de imagens que possuía em Hamburgo. Mais: são todas reproduções, imagens de imagens. Duplicações, “duplos”, pequenos fantasmas que pretendem conversar entre si, com ele e conosco. Ou, ainda, peças heterogêneas postas sobre um tabuleiro de jogo de xadrez, que vão começar a se mover, se deslocar nas mãos e sob os olhos dos jogadores que somos. As 22 imagens contidas na prancha 79 são de dimensões variadas. Notar-se-á que a maior das figuras, na parte mediana esquerda, é um afresco [1512] de Rafael (*A Missa de Bolsena*) que ocupa um espaço sete vezes superior a uma outra figura, logo abaixo: o quadro de Botticelli [1495] que representa a *Última Comunhão de São Jerônimo*. Será que Warburg hierarquizava as figuras escolhidas? É pouco provável. Dito isto, é bem possível que, na prancha, o afresco de Rafael tenha a missão de dar o tom à temática central do conjunto. O futuro no-lo dirá, talvez. (SAMAIN, 2011)

Essa prancha pode ser lida como o paganismo na Igreja. O significado dos rituais pagãos observados pela liturgia durante a missa. Os sacrifícios, humanos e de animais, em oferendas a Deus como forma de obtenção a bênçãos divinas. As imagens do pão e do vinho, durante a oficialização dos cultos, representam o sacrifício humano do Cristo, em redenção dos pecados humanos perante as leis divinas. As imagens dos rituais arcaicos, sangrentas, são reinterpretadas pela hóstia e pelo vinho durante as celebrações. Elas simbolizam de certo modo o perdão dos pecados. Uma vez obtido o perdão, há o renascimento. A imagem de um criminoso antes de a

extrema-unção, ou seja, diante do perdão divino concedido pelo representante divino na terra dos homens, ou seja, o padre.

Aby Warburg não deixou escrito como ler as imagens da prancha, em que sequência, nem tampouco informa o sentido que deu ao conjunto. O mais importante na obra, é o fato de permitir inúmeras possibilidades de inserções e descartes de imagens, e a possibilidade de leituras diversas. As imagens não foram definitivamente presas nas pranchas, sendo mesmo afixadas por pregadores que possibilitam a retirada das mesmas dos painéis. Essa leitura das imagens antigas aliadas às modernas, passando por uma linha de condução de um pensamento crítico, sugere o retorno do passado no presente, e de certa forma, sinalizando que a memória cultural coletiva da humanidade não morre jamais. Em certos momentos da história elas podem estar quase invisíveis, mas em outros, revivem com força superior à realidade. As imagens para Warburg constituem questionamentos, e nisso ele foi pioneiro, usando-as para provocar um pensamento crítico sobre a ação humana.

As atas do Sabadoyle são facilmente lidas, porém o seu conteúdo temático pode se estender para muito além da própria escrita. Nesse sentido, ambas (atas e pranchas) possibilitam infinitas correlações de dados e fatos ligando os tempos social, religioso e cultural que a humanidade já produziu.

A correlação das atas do Sabadoyle com as pranchas de Aby Warburg, no contexto desse ensaio, refere-se ao fato de que, nos dois conjuntos de documentos encontramos de certo modo registros do conhecimento filosófico que o homem possui sobre si e sobre sua permanência no mundo. Ambos os conjuntos constroem pontes ligando as diferentes épocas da humanidade, fazendo com que aquilo que se julgava passado se torne presente, e de certo modo alguns fatos do presente, possam ficar adormecidos por um período de tempo e de espaço suficiente para que dores e sofrimentos estejam curados.

Nesse sentido, Aby Warburg construiu pranchas com imagens as mais variadas, associando-se a muitas outras, sempre com o objetivo de estimular o pensamento crítico para que a humanidade não se esqueça de que todo o conhecimento é feito pelo homem e para o homem. Ao mesmo tempo, o que encontramos nas atas do Sabadoyle estimula a livre associação de ideias, propiciando uma infinita associação de tema fazendo com que a memória perdure ante as civilizações.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sabadoye*. [S. l.]: [S. n.], 1966. p. 17-19.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Willi Bolle (org.). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. (Seleção).
- COSTA, Severo da. *Sabadoye*. [S. l.]: [S. n.], 1975. p. 311-315.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FARINA, Mauricius Martins. Narrativa crítica: arte e memória. *Revista Poiésis*, v. 12, n 17, p. 9-16, jul. 2011. Página10.
- GOMBRICH, E. H. *Aby Warburg: an Intellectual Biography*. London: The Warburg Institute: University of London, 1970.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Sabadoye*. [S. l.]: [S. n.], 1972. p. 7.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *Sabadoye*. [S. l.]: [S. n.], 1966. p. 21-22.
- MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PINHO, Péricles Madureira de. *Sabadoye*. [S. l.]: [S. n.], 1975. p. 309-310.
- RANGEL, Rosângela Florido. *Sabadoye: uma academia literária alternativa?* 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2150>. Acesso em: 21 set. 2022.
- SAMAIN, Etienne. As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: entre Atropologia, Imagens e Arte. *Revista Poiésis*, v. 12, n. 17, p.29-51, jul. 2011.
- WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2010.
- WARBURG, Aby. *A Renovação da Antiguidade pagã*. Trad. Markus Heidiger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. (Seleção).